

# RELENDO BAKHTIN: REFLEXÕES INICIAIS<sup>1</sup>

Simone de Jesus Padilha<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende travar uma discussão inicial de algumas idéias de Bakhtin sobre a linguagem, principalmente sobre seu conceito de linguagem como interação social. Utilizaremos, para tanto, alguns exemplos do cotidiano e de textos literários.

**PALAVRAS-CHAVE:** interação social, dialogismo, enunciado

## REREADING BAKHTIN: PRELIMINARY REFLECTIONS

**ABSTRACT:** This article aims to initiate a discussion about Bakhtin's studies of language, mainly his concept of language as a social interaction. We will utilize, for this purpose, some examples of quotidian and literary texts.

**KEYWORDS:** social interaction, dialogism, utterance

Para Bakhtin, todo evento da linguagem - mesmo aquilo que sonhamos, na última solidão do ser - é a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais. (TEZZA, 2003)

Para iniciar nossa reflexão nesse artigo, tentemos um olhar contemplativo, que pede a leitura deste texto, à moda de um haicai:

o arrozal lindo  
por cima do mundo  
no miolo da luz  
(Guimarães Rosa)

É mania de gente das Letras se perguntar: O que Guimarães quis dizer com esse haicai? Eu digo: Quis dizer: “o arrozal lindo, por cima do mundo, no miolo da luz.”

---

1 Este artigo é produto das discussões realizadas pelo Grupo de Pesquisa “Relendo Bakhtin”, por nós coordenado, e quem tem a participação de docentes e alunos do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos de Linguagem – MeEL-UFMT.

2 Professora do Departamento de Letras e do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagem –MeEL/UFMT.

A linguagem pode ser apenas o que é. As pessoas podem não querer dizer nada com coisa alguma. Ou melhor, podem não querer dizer *outra coisa* ou *outras coisas*. Mas, também, podem o tempo todo dizer tudo com qualquer coisa, com o jeito de sorrir, com o jeito de andar, com o brilho do olhar....

Olhemos alguns trechos dessa canção:

Bem mais que o tempo que nós perdemos  
ficou pra trás também o que nos juntou  
Ainda lembro, que eu estava lendo  
Só pra saber o que você achou  
dos versos que eu fiz  
e ainda espero resposta  
(...)

Bem mais que o tempo que nós perdemos  
ficou pra trás também o que nos juntou  
Ainda lembro que eu estava lendo  
só pra saber o que você achou  
dos versos seus tão meus que peço  
dos versos meus tão seus que esperam que os aceite

(Resposta, de Samuel Rosa e Nando Reis)

É claro que quando pedimos respostas pedimos também aceitação, quando damos resposta, demonstramos aceitação ou não. Mas, nesse momento, da resposta, os versos já deixam de ser só meus e passam a ser seus e meus, nossos. A linguagem, em suas múltiplas manifestações, nos serve para que possamos dar respostas ao mundo, ao outro, e quando o fazemos, fazemos também com o *outro*, com a *palavra alheia* que tornamos palavra própria.

É em meio a essas reflexões que gostaríamos de apresentar, neste artigo, um pouco da figura de Mikhail Bakhtin. Ele foi um pensador russo que muito se indagou o tempo todo a respeito da linguagem, e o seu conceito de *dialogismo* trazia no seu bojo essa idéia de resposta, de compreensão-resposta, de compreensão ativa. Que prevê o eu e o outro opondo *contrapalavras*. Nem sempre presentes no mesmo tempo e espaço, nem sempre duas pessoas distintas, nem sempre duas pessoas “físicas”.

Bakhtin... por que é importante estudar esse tal de Bakhtin? Para nós, nós das Ciências Humanas? Bakhtin foi um pensador que, apesar de sofrer sérias coerções e privações em sua época, foi capaz de discutir sobre assuntos muito diferentes: ele passeou pela Filosofia, pela Literatura, pela Linguística.

Como acontece com outros *fundadores de discursividade*, é necessário considerar os vários conceitos mobilizados pelo Círculo de Bakhtin<sup>3</sup>, de uma forma articulada, e compreendê-los à luz deste arcabouço. De forma destacada do solo teórico que os nutre, conceitos como gênero do discurso, enunciado concreto, dialogismo, compreensão ativa, entre outros, passam a adquirir *outros sentidos*, de acordo com o querer-dizer de diferentes interlocutores, cujos domínios teóricos nem sempre podem ser considerados compatíveis com o pensamento bakhtiniano.

Uma das coisas que mais nos fascinam no pensamento bakhtiniano, e que aqui nos interessa como estudiosos da linguagem, é a relação que ele estabelece entre *vida e arte* e que, em outros termos, pode ser pensada entre *vida e linguagem*. Pode parecer um absurdo pensar, mas é um fato que, em muitas épocas, os estudos sobre a linguagem desassociaram dela a vida e, com ela, o ser humano.

Assim, na obra do autor russo, podemos ver sempre estes dois pontos imbricados, o que pode ser traduzido num esforço filosófico do autor em unir ética e estética. Num dos primeiros manuscritos do autor russo, datado de 1919-1921, e mais tarde intitulado *Para uma Filosofia do Ato*, o jovem Bakhtin, então com 20 e poucos anos, num texto denso, de teor filosófico, já lançava as sementes de seu pensamento, que mais tarde dará origem a categorias como *exotopia*, *cronotopo*, as relações *autor-herói*, *enunciado concreto* etc. Nessa obra inicial, Bakhtin concebe a atividade ética com um ato responsável, no seu processo de “estar se fazendo” num momento único, concreto, de sua realização. Sempre partindo *de* e *se* endereçando a um ser humano,

---

3 O Círculo de Bakhtin é a denominação que recebeu um grupo formado por intelectuais próximos a Mikhail Bakhtin, apaixonados pela filosofia e debate de idéias, que se reuniam, segundo Clark & Holquist (1998), em 1918, em Nevel (entre eles, Volochinov), e depois em Vitebsk, ao final de 1919 (entre os quais, Miedviédiev).

envolvido nesse evento (ou “ser evento-único”, ou “evento único do ser”) o ato pode ser entendido como uma ação de qualquer natureza, um pensamento, um enunciado verbalizado ou não, escrito ou não. Ao ato, ao evento único do Ser, Bakhtin alia, numa simultaneidade, num todo indissolúvel, os valores que são mobilizados por meio da relação eu e outro, num tempo e lugares também únicos. Segundo Clark & Holquist (1998, p. 90),

Bakhtin supõe que cada um de nós “não tem alibi na existência”. Nós próprios precisamos ser responsáveis ou respondíveis, por nós mesmos. Cada um de nós ocupa um lugar e um tempo únicos na vida, uma existência que é concebida não como um estado passivo, mas ativamente, como um acontecimento. Eu calibro o tempo e o lugar de minha própria posição, que está sempre mudando, pela existência de outros seres humanos e do mundo natural por meio dos valores que articulo em atos. A ética não se constitui de princípios abstratos, mas é o padrão dos atos reais que executo no acontecimento que é minha vida. Meu self é aquilo mediante o que semelhante execução responde a outros selves e ao mundo a partir do lugar e do tempo únicos que ocupo na existência.

Assim, nosso evento-único do Ser, aqui, neste artigo, neste momento preciso, como pesquisadora, admiradora e estudiosa, é refletir e nos indagar sobre as discussões de Bakhtin a respeito da linguagem, ou sobre como estamos respondendo a elas. É ver o evento da linguagem constituinte e constituindo o evento do Ser, e vice-versa, de trás pra frente, de ponta cabeça. Por falar em evento único do ser, ninguém melhor do que a poesia para nos dizer exatamente a que Bakhtin estava se referindo:

Quero

Quero que todos os dias do ano  
todos os dias da vida  
de meia em meia hora  
de 5 em 5 minutos  
me digas: Eu te amo.

Ouvindo-te dizer: Eu te amo,  
creio, no momento, que sou amado.  
No momento anterior  
e no seguinte,  
como sabê-lo??  
Quero que me repitas até a exaustão  
que me amas que me amas que me amas.  
Do contrário evapora-se a amação  
pois ao dizer: Eu te amo,  
desmentes  
apagas  
teu amor por mim.  
Exijo de ti o perene comunicado.  
Não exijo senão isto,  
isto sempre, isto cada vez mais,  
Quero ser amado por e em tua palavra  
nem sei de outra maneira  
a não ser esta  
de reconhecer o dom amoroso,  
a perfeita maneira de saber-se amado:  
amor na raiz da palavra  
e na sua emissão,  
amor  
saltando da língua nacional,  
amor  
feito som  
vibração espacial.  
No momento em que não me dizes:  
Eu te amo  
inexoravelmente sei  
que deixaste de amar-me,  
que nunca me amaste antes.  
Se não me disseres urgente repetido  
Eu te amoamoamoamoamo,  
verdade fulminante que acabas de desentranhar,  
eu me precipito no caos,  
essa coleção de objetos de não-amor.  
(Carlos Drummond de Andrade)

É claro que ninguém aqui quer se precipitar no caos, na coleção de objetos de não-amor. Esse não é o nosso preten-

didado “evento-único do ser.” Isso porque significa ficar sem resposta, sem linguagem, sem poder construir quaisquer sentidos através do que diz o outro e sem poder ter esperança de aceitação. Além da resposta, a aceitação. Além da linguagem, o outro que responde e nos aceita. Ou não.

Esse poema ilustra, ainda, muito bem, o que o próprio Bakhtin quis dizer com o conceito de *enunciado concreto*. Esse “eu te amo”, de Drummond, é o próprio enunciado concreto, não é uma abstração, não é apenas um texto, é a materialização aqui de uma atitude valorativa do autor, o ato ético do amor se torna ato estético que recria não só o próprio ato, mas dá à linguagem, à força do dizer, a criação do mesmo. Mas isso está nas mãos do outro. Vivemos pelo outro, pela mobilização da linguagem pelo outro, que nos dá vida e sentido. Para Bakhtin, segundo Holquist (1998), a outridade é o fundamento de toda a existência, e o diálogo, a estrutura primacial de qualquer existência particular, representando uma constante troca entre o que já é o que não é ainda.

Nesse sentido, ao se pensar em quaisquer conceitos da obra bakhtiniana, é preciso articulá-los sempre, em qualquer tempo e situação, à concepção de *linguagem como interação*. E mais do que isso, é preciso bem compreender os fundamentos e consequências desta concepção, pois qualquer evento de linguagem, como bem diz a citação na epígrafe deste texto, “é a atualização de uma relação entre sujeitos históricos e sociais”. Historicamente, em relação à linguística e aos estudos de linguagem, tal visão supera a noção de língua saussureana e qualquer outra que entreveja a língua como conjunto de materialidades, de abstrações ideais e falantes ideais, sem que a questão do sentido e das construções de efeitos de sentido sejam levadas em consideração.

A significação, para Bakhtin ([1929]1990, p. 132), não está na inscrição lingüística *per si*, mas se realiza apenas no momento do encontro entre dois interlocutores, na interação social:

A significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do in-

terlocutor. Ela é o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*. É como uma faísca elétrica que só se produz quando há contato dos dois pólos opostos. (...) Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação.

A faísca marca, pois, este momento único e irrepetível, que carrega consigo uma série de elementos combinados que o constituem e o consolidam, inclusive a própria língua. Assim, qualquer enunciado só faz sentido para nós ou para qualquer pessoa nesta arquitetônica, da qual participamos de forma mais ou menos ativa; porém, sempre o fazemos, pois, como bem dizia o jovem Bakhtin em sua *Filosofia do Ato*, “não temos alibi na existência”.

Tal reflexão sempre nos remonta a uma situação típica, a qual sempre ilustra nossas aulas quando o assunto é a concepção de linguagem como interação social:

“Um casal de classe média, domingo pela manhã. O marido encontra-se sentado no sofá, controle remoto na mão, televisão ligada, corrida de fórmula 1. A mulher um tanto aflita, anda pra lá e pra cá em passos rápidos. Passa na frente da tevê, volta, o marido desvia a cabeça, pra lá e pra cá para não perder nenhum lance da corrida. De repente, a mulher para atrás do sofá, suspirando:

- Benhê...tô cuma preguiça hoje...

O marido não se mexe, apenas suas sobrancelhas se levantam levemente:

- Eu também bein...tô cuma preguiça hoje...

A mulher volta cabisbaixa para a cozinha, e começa a preparar o almoço”.

Vejam que se trata de uma situação bastante conhecida nossa, em que os papéis sociais ali, de marido e mulher, encontram-se bem definidos. No curto diálogo da breve interação entre eles, podemos verificar a existência da informação central em apenas uma frase, que é de concordância de ambos:

“tô cuma preguiça hoje...”

Deixando de lado possíveis observações sobre os traços da oralidade na escrita, podemos afirmar que se trata, sim, de uma frase do português brasileiro contemporâneo. Como já dizia Chomsky, qualquer falante de sua língua é capaz de reconhecer uma frase dela. Já em termos do que se diz, ambos os falantes expressam sentirem-se preguiçosos naquele dia. Qualquer dúvida sobre a veracidade das informações não procede, pois, ao que parece, nenhum dos dois está mentindo sobre sentir-se preguiçoso. Ou não?

Na verdade, o que cada um quer dizer, *naquele exato momento*, por serem quem são e por se reconhecerem, de suas interações anteriores, é outra coisa. A esposa quer, na verdade, com seu “Benhê...tô cuma preguiça hoje...” sugerir algumas dessas possibilidades, ou aproximadamente:

- 1) - Pode levantar daí? Podemos ir almoçar fora? Não quero fazer almoço hoje, cozinhei a semana toda!!
- 2) - Me leva pra almoçar fora?
- 3) - Pode prestar atenção em mim?

Já o esposo, de alguma forma, revela, com seu “Eu também bein...tô cuma preguiça hoje...”, os sentidos peremptórios:

- 4)- Não saio daqui. Não me amola...
- 5)- Quero ver a corrida. Vai lá tratar do almoço...
- 6)- Não enche...

Vejamos que os “verdadeiros” sentidos, o “tema bakhtiniano” daquele diálogo, só podem ser decifrados, pois os interlocutores participam e se compreendem não só na situação imediata, num *cronotopo* – o diálogo de um casal brasileiro na sala de estar num domingo – mas também são co-participantes de um contexto social mais amplo, em que são claras as apreciações valorativas sobre quem é o outro para si (no caso, quem a mulher representa para o marido e vice-versa). A interação aqui, enraizada nos papéis sociais ideologicamente marcados e historicamente constituídos, permite a intercompreensão das significações que, de fato, querem dizer alguma *outra* coisa relevante. É

por isso que a esposa retorna à cozinha, para preparar o almoço. Entre eles, já há um contrato discursivo que não permite certas falas, apenas outras – aparentemente cordiais, mas os sentidos que se estabelecem brotam quase que de forma independente do enunciado pronunciado – “to cuma preguiça hoje...”, e de forma quase oposta entre os interlocutores, pois para a esposa a preguiça é motivo de sair, para o marido, é motivo de ficar.

Este exemplo cotidiano e bastante simples permite que vislumbremos o que Bakhtin queria expressar por uma compreensão da linguagem como *interação social*. Em nenhum momento é possível depreender os sentidos a não ser pela compreensão maior do que são nossos relacionamentos com o outro, como estabelecemos os contratos nas relações e como organizamos nossos discursos a partir daí. Mais do que analisar as situações face a face, mais do que uma perspectiva pragmática, Bakhtin pensa em vínculos ideológicos que determinam as formas e conteúdos de nossos enunciados.

Por isso, uma concepção de linguagem que Bakhtin oferece é algo que, primordialmente, resgata a ser humano como um centro de valores, não colocando aqui a palavra valor no sentido de valores morais, mas no sentido de que somos sempre mesmo um centro de valores, assimilados e assumidos em nossa estória de vida, refletidos mas também refratados, e que atribuímos valores a cada coisa, ao outro, ao que o outro nos diz, ao gesto que ele faz, à arte que ele nos apresenta, ao conceito que ele nos mostra, ao conteúdo que ele nos ensina. Nossas atitudes em direção ao outro e às coisas são valorativas. Até mesmo o que guardamos em nossa memória é seletivo, obedece a critérios e prioridades, sejam eles claros ou não, explícitos ou não, conscientes ou não.

Mas pensar o ser humano com centro de valores e como centro de atenções, como o fez Bakhtin, é, para nós, que somos educadores, essencial. Pensar no ser humano acima de tudo como um centro de valores, e sedento por valores e por valorar.

Bakhtin é, antes de mais nada, um grande humanista, que pensa a linguagem não como uma abstração, mas que a reinsere na vida, com e a partir do ser humano. E aponta para o fato de que o que somos se define muito pelas relações com os outros, que são assim definidos por nós também. E como esses outros mudam e esses outros em nós mudam e nós mesmos mudamos sempre, nada na linguagem será estático, tudo é vivo, tudo muda, ou, no que concerne à linguagem, tudo tem o potencial para. Termina com um poeminha, de uma autora jovem, inédita

#### INTERAMOR

Em ti  
De tua boca  
Sou eu mesmo, assim.  
Assim sendo  
Sei me ver agora  
A menina maluquinha  
A que está em pânico  
A que quer colo  
A que dorme demais  
A que dorme em paz  
Em tuas palavras  
que me...confinam?  
Confio?  
Há brechas?  
Ou mudas?

Não preciso ser mais ninguém  
Pois me defines ao fim  
Infinito-finito de mim  
Nos lábios teus  
(Simone Padilha)

## Referências

BAKHTIN, M. M. (1919-1921). **Toward a Philosophy of the Act**. Austin, University of Texas Press, 1993. Versão para o português com o título *Para uma Filosofia do Ato*, para uso didático e acadêmico, com tradução provisória de Calos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza.

BAKHTIN, M. M. /VOLOCHINOV, V. N (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

CLARK, K. & HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

TEZZA, CRISTÓVÃO. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Recebido em 12/11/2009

Aceito em 17/12/2009